

# Mercado S/A



**AMAURI SEGALLA**  
amaurisegalla@diariosassociados.com.br

Poucos setores no Brasil, talvez nenhum, passaram sem sobressaltos nos últimos anos por crises econômicas

Ed Alves/CB/D.A Press



## Com preços mais baixos, atacarejos crescem e superam todas as crises

“Atualmente, os atacarejos abastecem 69% das casas, mais do que qualquer outro ramo de supermercados.” Poucos setores no Brasil, talvez nenhum, passaram sem sobressaltos nos últimos anos por crises econômicas, tensões políticas e cenário internacional adverso quanto o atacarejo, formato que une vendas no atacado e no varejo. Segundo estudo feito pela Nielsen, a penetração do segmento nos lares brasileiros cresce de maneira ininterrupta desde que a consultoria começou a realizar esse tipo de levantamento, em 2015. Atualmente, os atacarejos abastecem 69% das casas, mais do que qualquer outro ramo de supermercados. Destaca-se também o fato de os estabelecimentos terem passado a atrair clientes das classes A e B, o que mostra uma notável mudança de hábitos de consumo — os mais ricos, portanto, também renderam-se ao modelo. O motivo é óbvio: preço. Embora as lojas na maioria das vezes sejam desconfortáveis, elas seduzem o consumidor ao oferecer itens mais baratos. Em tempos de solavancos na economia, a estratégia faz toda a diferença.

## Rede social Koo chega a 1 milhão de usuários no Brasil

A rede social indiana Koo conquistou os brasileiros. Nos últimos dias, a participação do país no ranking internacional de inscritos na plataforma saiu do 75º lugar, com 2 mil perfis, para o segundo posto, com 1 milhão de usuários. O aplicativo, cuja pronúncia virou piada por aqui, ganhou espaço após a compra do Twitter por Elon Musk, em outubro. Desde então, Musk tem prometido transformar a rede num lugar para “liberdade.” O temor, contudo, é que estimule a disseminação de notícias falsas.

## Na Microsoft, funcionários querem um motivo justo para ir ao escritório

Quase três anos depois do início da pandemia, empresas e funcionários não chegaram a um consenso sobre o sistema de trabalho ideal — se deve ser 100% presencial, híbrido ou integralmente home office. Na Microsoft Brasil, 60% dos empregados afirmaram precisar de uma razão justa para estar na companhia se podem exercer suas tarefas longe do escritório. Ninguém quer ir à empresa apenas para agradar o chefe ou socializar. É preciso que a presença faça sentido e ajude a melhorar a produtividade.

## Semana de quatro dias aumenta produtividade

O maior estudo já feito sobre o impacto para as empresas da adoção da semana de quatro dias trouxe resultados surpreendentes. De acordo com o levantamento realizado pela organização 4 Day Week, que acompanhou 33 empresas em diversos países durante um ano, todas elas apresentaram crescimento de suas receitas, os pedidos de demissão despencaram e os níveis de engajamento dos funcionários avançaram consideravelmente. Até a disposição para trocar o home-office pelo escritório aumentou.

BatiJeep/Divulga??o



# 1,8 MILHÃO

de veículos novos foram vendidos no Brasil de janeiro a novembro, segundo a Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabreve). O resultado significa uma queda de 1,31% em relação ao mesmo período do ano passado



**Temos um longo caminho a percorrer para reduzir a inflação. Suspeito que o Fed (banco central americano) vai realizar mais aumentos nas taxas de juros do que o mercado está julgando”**

**Larry Summers,**  
ex-secretário do Tesouro dos Estados Unidos.

## RAPIDINHAS

A Itaúsa, holding que tem em seu portfólio gigantes como Itaú Unibanco, Alparagatas, CCR, Dexco Aegae, Copa Energia e NTS, pretende ampliar as ações na área ambiental. O conglomerado anunciou a criação do Instituto Itaúsa, que pretende destinar, a partir de 2025, R\$ 50 milhões por ano para projetos sustentáveis.

**Cada vez mais empresas buscam investir em programas ligados à sustentabilidade. De acordo com pesquisa recente realizada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), 59% das indústrias brasileiras possuem uma área específica para lidar com o tema. No levantamento anterior, realizado há dois anos, o índice era de 34%.**

A indústria brasileira de fertilizantes deverá crescer 34% em 2022, conforme projeção da Associação Brasileira de Tecnologia em Nutrição Vegetal (Abisolo). Em 2021, a expansão foi de 65%. O setor tem ampliado os investimentos para depender menos das importações: os aportes em Pesquisa & Desenvolvimento (P&D) chegaram a R\$ 400 milhões.

**A política de “Covid Zero” provoca estragos na economia chinesa. Embora os números oficiais sejam nebulosos, especialistas calculam que a iniciativa tenha encolhido em 20% o PIB do país. A média de casos diários chegou a 40 mil — é o maior número desde o início da pandemia. A China tem atualmente oitenta cidades em quarentena.**

## DEFLAÇÃO

# Refresco no reajuste do aluguel

Seguindo tendência dos últimos meses, IGP-M recuou 0,56% em novembro, a quarta queda consecutiva. No entanto, o ciclo de deflação nos índices macroeconômicos do país está próximo do fim, aponta especialista em finanças públicas da UnB

» FRANCISCO ARTUR

Comum às famílias brasileiras que pagam ou recebem dinheiro de imóveis alugados, o Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M) de novembro repetiu a tendência de outubro, e registrou deflação de 0,56% ante queda de 0,97% no mês anterior. Publicado na última semana pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), a sinalização de queda nos preços de reajustes de contratos de locação pode representar um alívio ao bolso do consumidor no curto prazo. Segundo o economista Roberto Piscitelli, porém, o ciclo que indica deflação nos índices macroeconômicos do país está próximo do fim.

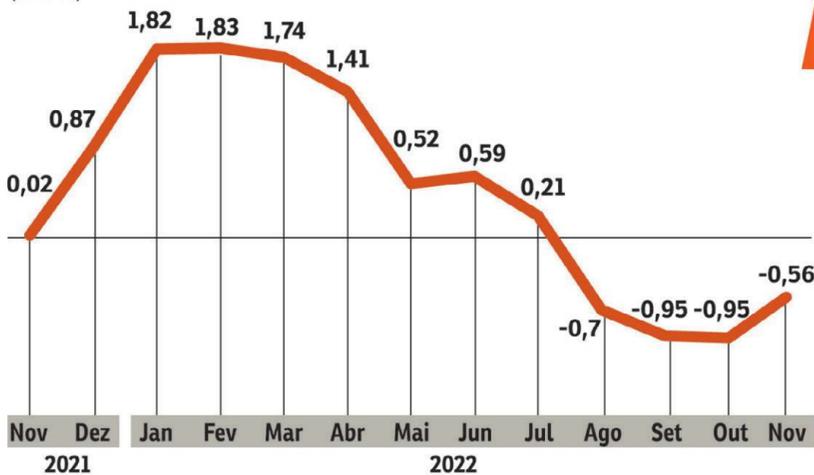
Professor de Finanças Públicas da Universidade de Brasília (UnB) e colaborador do Conselho Federal de Economia (Confecon), Piscitelli relembra que a onda constante de queda de preços, este ano, é motivada por ações pré-eleitorais e efêmeras de redução de tributos — como o teto do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) — nos combustíveis e na área de telecomunicações.

Promovidas pelo governo federal em meados de julho, essas medidas não irão segurar os preços de forma perene, já que as iniciativas que estabelecem uma alíquota na cobrança do ICMS, por exemplo, têm validade até o último dia de dezembro. Na avaliação de Piscitelli, há sinais que já mostram a tendência para o fim deste ciclo a partir de agora. Na formação do IGP-M, por

## Em baixa

Índice que corrige aluguéis tem quarta queda consecutiva e recua 0,56% em novembro

**VARIAÇÃO MENSAL DO IGP-M**  
(Em %)



Fonte: FGV

exemplo, incluem-se os dados referentes aos Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA-M), o Índice de Preços ao Consumidor (IPC-M) e o Índice Nacional de Custo da Construção (INCC-M). Diante disso, a explicação para a queda na taxa que mede o reajuste dos aluguéis ocorre devido ao desempenho do IPA-M, “que tem um peso maior na formação do IGP-M e foi exatamente o índice que registrou queda em novembro”. “Agora, se você partir dos dados do IPC-M e do

INCC-M, haverá registros de subida”, afirma o professor.

A questão do peso dos índices no IGP-M é dividida da seguinte forma: IPA-M representa 60% do cálculo, enquanto IPC-M e INCC-M impactam 30% e 10%, respectivamente. O desempenho do Índice de Preços ao Produtor Amplo, em novembro, caiu 0,94%. IPC-M, por sua vez, acelerou de 0,50% para 0,64%, com inflação acumulada em 12 meses de 4,71%. O INCC-M avançou de 0,04% para 0,14%, conforme já divulgado pela FGV.

## Inflação de volta

Além de dezembro significar o término da validade das medidas de redução nos tributos direcionados a combustíveis, alimentos e telecomunicações, o panorama mundial implica no arrefecimento da produção. Como exemplos deste cenário, o professor Roberto Piscitelli corrobora a ideia de que fatores “exógenos” como a guerra na Ucrânia, podem provocar a redução da oferta global por causa da tendência de aumento de juros nos países da Europa e



aumento de preços seria uma consequência da ida às compras não tem relação com a realidade das famílias brasileiras. Roberto Piscitelli destaca que o maior impacto estava nos elevados custos com a alimentação e com os combustíveis.

“O consumo até teve um ‘respiro’ por causa de medidas eleitoreiras do governo, mas não se pode esquecer que o que mais vinha impactando a inflação eram alimentos e combustíveis. A retirada de certos estímulos é o que vai pressionar os preços. Além disso, não há como colocar a inflação na hipótese de aumento do consumo porque há um grande número de famílias que estão com dívidas e negativas”, explica.

O endividamento no país, segundo uma pesquisa divulgada em outubro pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), abrange 80% das famílias. Trata-se do maior volume desde 2010, quando teve início a série histórica da CNC.

O estudo revela que a maioria das dívidas está atrelada a serviços em geral, como contas de luz, de telefone e de internet, carnes de loja e prestações de carro e casa, e não às instituições financeiras.

Nesse contexto, ainda de acordo com Piscitelli, a tendência é a de que as pessoas acumulem esforços para regularizar o crédito.

Conforme a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, a maioria das famílias endividadadas ganha menos de 10 salários mínimos, o que corresponde a R\$ 12.120.

nos Estados Unidos.

“Nossa tendência de inflação está muito associada a aumentos de custos e a fatores exógenos”, pontua. Essa opinião vai de encontro à ideia de que o Brasil viveria um choque inflacionário provocado pelo aumento do consumo.

Neste ano, a projeção para a inflação, de acordo com analistas de mercado, é de cerca de 5,25%.

## Dívidas

Ainda na avaliação do economista, a ideia de que o